



O Desafio do Relativismo Cultural

Em 1966, uma jovem de dezassete anos chegou ao Aeroporto Internacional de Newark e pediu asilo. O seu nome era Fauziya Kassindja. A sua história tornou-se o ponto de partida para uma das questões mais perturbadoras da filosofia moral: podemos condenar as práticas de outras culturas sem impor os nossos próprios valores?

ÉTICA CULTURAL

DIREITOS HUMANOS

FILOSOFIA MORAL

Uma Fuga Desesperada

Fauziya Kassindja era a mais jovem de cinco filhas de uma família muçulmana devota do Togo, pequena nação do oeste africano. O seu pai, proprietário de uma empresa de camionagem, opunha-se à excisão — e tinha capacidade económica para se opor à tradição. As suas quatro filhas mais velhas casaram sem ser mutiladas.

Tudo mudou quando o pai morreu subitamente, quando Fauziya tinha dezasseis anos. Sob tutela do avô, foi-lhe ajustado um casamento e preparou-se a sua submissão à excisão. Aterrorizada, Fauziya fugiu com a ajuda da mãe e da irmã mais velha. A mãe, sem recursos, teve de pedir desculpas formais ao patriarca que ofendeu — e permanecer.

16 anos

Idade de Fauziya quando o pai morreu e a sua vida mudou para sempre

5 filhas

As quatro mais velhas escaparam à excisão graças à proteção do pai

2 anos

Tempo que Fauziya passou detida nos Estados Unidos à espera de decisão

O Que É a Excisão?

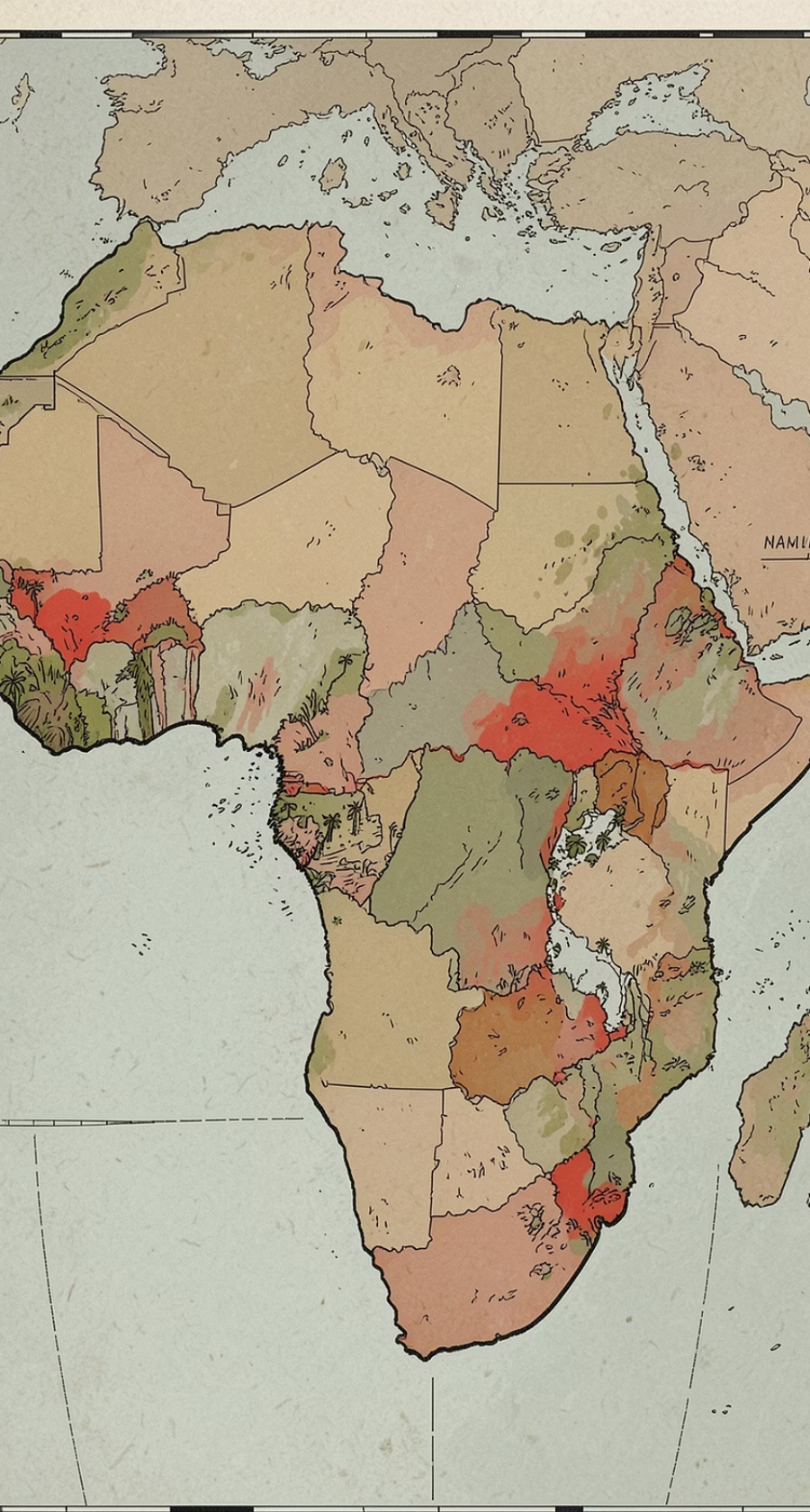
A excisão é uma intervenção desfiguradora, por vezes chamada «circuncisão feminina», embora tenha poucas semelhanças com essa prática judaica. Nos jornais de países ocidentais, é mais frequentemente referida como **mutilação genital feminina**.

A Prática

Uma intervenção física permanente, realizada muitas vezes sem anestesia, que causa dor extrema e consequências graves para a saúde ao longo da vida.

O Contexto Cultural

Nalguns casos, a excisão é parte de um elaborado ritual tribal, realizado em pequenas aldeias tradicionais, e as raparigas anseiam submeter-se a ele porque isso assinala a sua aceitação no mundo adulto. Noutros casos, é realizada por famílias citadinas em jovens que lhe resistem desesperadamente.



A Escala de um Problema Global

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a prática está disseminada por **vinte e seis países africanos**. Os números revelam a magnitude de uma tradição que afeta milhões de raparigas, ano após ano, sem que estas tenham qualquer poder de escolha.

26

Países Africanos

Onde a prática está documentada e disseminada segundo a OMS

2M

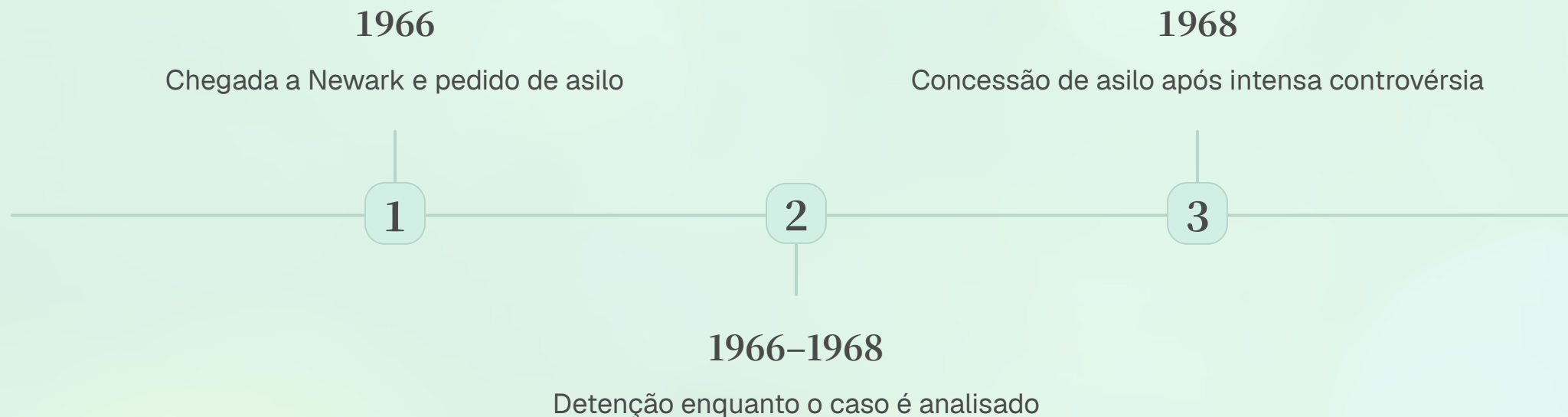
Raparigas por Ano

São sujeitas à excisão anualmente em todo o mundo

Estes números não são meras estatísticas — representam raparigas com nomes, famílias, medos e sonhos. Fauziya Kassindja é uma delas. A sua história individual dá rosto a uma crise coletiva que exige uma resposta ética clara.

Dois Anos de Incerteza

Na América, Fauziya foi **detida durante dois anos** enquanto as autoridades decidiam o que fazer. O seu caso tornou-se rapidamente mais do que um processo de asilo — tornou-se um campo de batalha ideológico sobre a forma como o Ocidente deve encarar as práticas culturais de outros povos.



Por fim foi-lhe concedido asilo — mas não sem antes se tornar o centro de uma controvérsia que atravessou redações, tribunais e universidades.

A Controvérsia Pública

O caso de Fauziya Kassindja dividiu a opinião pública americana e, por extensão, o mundo ocidental. A *New York Times* publicou uma série de artigos que alimentaram o debate de forma irreversível.

A Voz da Condenação

Uma série de artigos no *New York Times* favoreceu a ideia de que a excisão é uma **prática bárbara merecedora de condenação**. Para estes observadores, a violação da integridade física de uma criança não pode ser justificada por apelos à tradição ou à identidade cultural.

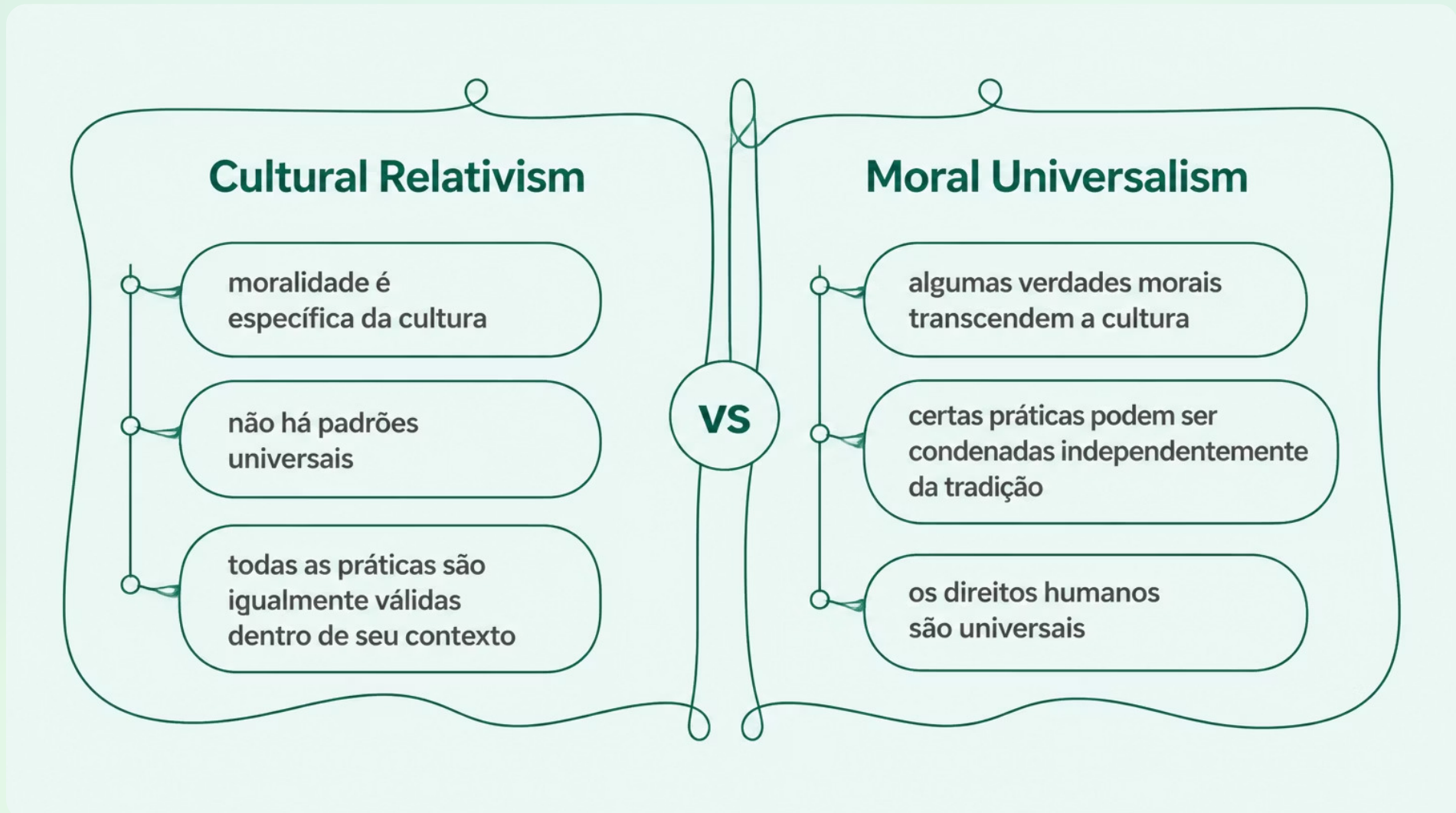
A Voz da Tolerância

Outros observadores mostraram-se relutantes em ser tão peremptórios — *vive e deixa viver*, afirmaram; afinal, é provável que a nossa cultura pareça igualmente estranha para eles. Quem somos nós para julgar?

«Vamos supor que estamos inclinados a aceitar que a excisão é má. Estaríamos nós apenas a impor os padrões da nossa própria cultura?» — James Rachels

O Que É o Relativismo Cultural?

O relativismo cultural é a tese de que **os padrões morais são determinados pela cultura** — não existe uma verdade moral universal, apenas verdades locais, válidas dentro de cada sociedade. Se esta tese estiver correta, condenar a excisão é simplesmente impor os nossos valores a quem tem valores diferentes.



Esta dicotomia coloca-nos perante uma escolha desconfortável: ou aceitamos que não podemos criticar nada fora da nossa cultura, ou assumimos que existem valores que transcendem fronteiras culturais. James Rachels, no seu *Elementos de Filosofia Moral*, desafia-nos a não aceitar a primeira opção sem reflexão crítica.

O Argumento de James Rachels

James Rachels, filósofo americano, utiliza o caso de Fauziya Kassindja para questionar o relativismo cultural de forma rigorosa e acessível. A sua obra *Elementos de Filosofia Moral* (Gradiva, 2004) tornou-se uma referência fundamental no ensino da ética.

A Pergunta Central

Se o relativismo cultural estiver correto, não há um padrão cultural neutro a que possamos apelar para condenar a excisão. Mas será isto verdade? Rachels argumenta que podemos rejeitar certas práticas sem ser arrogantes ou imperialistas culturais.

O Critério do Bem-Estar

Rachels sugere que podemos avaliar práticas culturais com base no seu impacto sobre o bem-estar das pessoas envolvidas. Quando uma prática causa sofrimento grave e permanente a quem não tem poder de escolha — como uma criança —, temos razões objetivas para a condenar.

A Distinção Crucial

Criticar uma prática não é o mesmo que desprezar uma cultura. É possível respeitar profundamente uma tradição cultural e, ao mesmo tempo, rejeitar elementos específicos que violam direitos fundamentais.

Além do «Vive e Deixa Viver»

O apelo à tolerância é nobre, mas pode tornar-se uma forma de indiferença disfarçada de virtude. Quando uma rapariga de dezasseis anos é aterrorizada e forçada a fugir da sua própria família para escapar a uma mutilação, a tolerância cultural transforma-se em cumplicidade.



O Direito à Integridade Física

Toda a pessoa tem direito à integridade do seu corpo. Este direito não depende da cultura em que se nasce, nem da religião que se professa. É um direito que precede qualquer tradição.



O Direito à Autonomia

Fauziya resistiu. A sua recusa é, em si mesma, um argumento poderoso contra a ideia de que a excisão é aceite por todas as mulheres das culturas onde é praticada. Muitas resistem em silêncio.



O Diálogo Intercultural

A solução não é o imperialismo moral, mas o diálogo genuíno. Muitas ativistas africanas lideram hoje o movimento contra a excisão — de dentro das suas próprias culturas, com autoridade que nenhum ocidental pode ter.

Conclusão: A Coragem de Julgar

O caso de Fauziya Kassindja não nos dá respostas fáceis. Mas dá-nos algo mais valioso: a obrigação de pensar com clareza sobre questões que muitos prefeririam evitar.

Rejeitar o Relativismo Ingénuo

A cultura não é um escudo contra a crítica moral. Práticas que causam sofrimento grave e permanente a quem não pode escolher merecem condenação, independentemente da sua antiguidade.

Evitar o Imperialismo Moral

Condenar uma prática não significa desprezar uma cultura. O respeito genuíno exige que levemos a sério as vozes de dentro dessas culturas — incluindo as de quem resiste.

Centrar nas Pessoas

Por detrás de cada estatística há uma Fauziya. A ética começa no reconhecimento da dignidade de cada pessoa concreta, não em abstrações sobre culturas.

«Se o relativismo cultural estiver correto, isso é tudo quanto podemos fazer, pois não há um padrão cultural neutro a que possamos apelar. Mas, será isto verdade?» — James Rachels, *Elementos de Filosofia Moral*